Acervo ISA

Manaus, domingo, 11 de fevereiro de 1990

A verdade crua do Triângulo Tukano

ROGÉRIO PINA

Falando esta semana na conferência sobre florestas tropicais no Jardim Botânico de Londres, o príncipe Charles criticou o apoio dos governos dos países industrializados ao Plano de Ação das Nações Unidas para as Florestas Tropicais, que, na sua opinião, não faz nada além de derrubar árvores. Para ele, as florestas teriam um uso melhor para a exploração de outros produtos que não a madeira, tais como frutos e borracha. O plano do príncipe inclui ainda o boicote ao comércio de madeiras tropicais e um fim ao "medonho padrão de genocídio coletivo" dos povos tribais que vivem nas florestas.

Muito distante de Londres e convivendo diariamente com as pressões e problemas que cercam sua aldeia — e um poder de abrangência de suas denúncias infinitamente menor que o do príncipe Charles —, Álvaro Tukano concedeu entrevista exclusiva à **A Crítica**, esta semana, não poupando as promessas esquecidas do Projeto Calha Norte e a violência cultural imposta pela Igreja nas áreas indígenas mas veementemente entrando em defesa do meio ambiente, ou seja, esta hoje tão discutida ecologia.

Falando em nome do Triângulo Tukano — organização composta por representantes das áreas indígenas de Iauaretê, Taracoá e Pari-Cachoeira —, Álvaro estava acompanhado de Pedro de Jesus e Domingos Falcão, da União das Comunidades Indígenas do Distrito de Iauaretê, que também se encontravam em Manaus para verificar o estado de um barco comprado recentemente, uma das promessas do Projeto Calha Norte.

A Crítica — Este barco comprado recentemente pelo governo vai beneficiar de que maneira as populações indígenas daquela área?

Álvaro Tukano — Imediatamente, em nada. Nós aqui em Manaus apenas pudemos ver novamente a cena que já tínhamos presenciado em São Gabriel da Cachoeira, onde está o outro barco comprado pelo Projeto Calha Norte — um barco fóra de linha, com o casco totalmente podre, o que nos revolta e a toda a comunidade indígena. Isso não justifica a posição do governo. Este tipo de comportamento é uma falta de respeito muito grande com as populações indígenas e com a própria Funai, que é o órgão de assistência às populações indígenas.

AC — Mas você apoiaram a implantação do Projeto Calha Norte...

Álvaro — Isso foi no começo, quando pensávamos que o projeto traria novas esperanças para aquela região. Acontece que no fim do mandato deste governo este projeto mais parece um "projeto sucata", que as pessoas chegam e falam "é melhor que nada", em relação às migalhas que ainda temos que brigar para receber. Não tem nenhum sentido o governo não poder executar em toda aquela área do alto rio Negro os projetos anteriormente definidos. Por exemplo, está faltando a homologação das terras indígenas, que é o fato principal da luta dos índios; o Projeto Pasei — um projeto de assistência médica-odontológica às comunidades indígenas utilizando barcos fluviais comprados com o dinheiro do Calha Norte. Então o governo comprou os barcos já danificados e durante dois anos esse projeto nunca funcionou, além de que esperávamos poder sanar, com estes barcos, a dificuldade de transporte entre as comunidades indígenas.

AC — E como fica a Funai nesta situação toda? Continua sendo um fantasma no alto rio Negro?

Álvaro — A Funai não é fantasma no alto rio Negro. A Funai tem atuado sem recursos. Agora quem deixou a Funai ser um pouco fantasma foi a própria administração encabeçada por "gabinetes" em Brasília e mesmo aqui. Aqueles que estão no alto rio Negro no dia a dia não puderam erguer nem seus postos porque o governo brasileiro não tem dado sequer um centavo para a construção dos mesmos. Aí está a diferença absurda entre o que é dado à assistência indígena e o que é dado ao Exército. Estamos numa desvantagem absurda. O governo comprou dois barcos fora de linha para as comunidades indígenas e para o Exército sediado em São Gabriel da Cachoeira compraram barcos novos, com novos motores... E os quartéis instalados naquela região são de luxo.

Esta é a grande diferença que está nos revoltando. Apesar do esforço do pessoal da Funai que trabalha na região, a falta de dinheiro emperra tudo. Outra coisa que merece ser citada, para confirmar ainda mais esta discriminação absurda, é que nós não temos acesso aos aviões da FAB. Quem tem acesso aos aviões são comerciantes que poderiam vir de Taba para cá, enquanto nós, representantes das comunidades indígenas e o povo em geral, quando estamos doentes e precisamos de transportes, nos é negado.

AC — E como é o relacionamento de vocês com estes comerciantes?

Álvaro — Os comerciantes sediados em São Gabriel da Cachoeira se sentem como donos de garimpos porque eles compram dos índios. Eles acham que como aumento da presença de garimpeiros na região vai ocorrer muito dinheiro. Eles incentivam os garimpeiros a irem para lá. Uma das grandes falhas foi que nós, indígenas, apoiamos a posição da Igreja, de governos municipais e de vereadores, só que não tivemos nenhuma reciprocidade. Pelo menos na sinceridade conosco. São os próprios parlamentares de São Gabriel da Cachoeira que estão fazendo acordo com os garimpeiros vindos de Roraima, como apoio de alguns comerciantes, para que eles se instalem lá. Só que eles não podem fazer isso porque não vivem em reservas indígenas, não são filhos de índios e nem mesmo são de lá. Têm uns que vieram do Nordeste e o nosso povo está ficando cada vez mais sem terra, sem poder, sem linha política de trabalho. E é bom lembrar que os políticos assumiram um compromisso conosco e foram eleitos também por nós. Então decidimos que não vamos aceitar mais pessoas de fora. Já cansamos de viajar para Brasília e por aqui por Manaus atrás de políticos e governantes. Sempre somos barrados por secretárias, chefes de gabinete, isso quando conseguimos entrar nos prédios... Vamos estudar bastante este ano, já que é época eleitoral e naturalmente teremos indígenas que irão disputar as eleições dentro de partidos adequados com o programa de trabalho para a região.

AC — E colocar a boca no trombone contra toda esta discriminação e injustiça não dá resultado?

Álvaro — Na época da ditadura este foi um meio que encontramos, uma luta forte para desmascarar a falta de respeito aos direitos humanos que havia no País. Depois da transição política que aconteceu no País esse tipo de "trombone" não

"... não queremos ser uma vitrine do Brasil"

Acervo ISA

A Crítica Pg. 2
11 de fevereiro de 1990

é adequado porque o que acontece é que justamente as lideranças que dirigem as organizações fantasmas não vivem nas nossas comunidades. Eles sempre ocupam páginas e mais páginas nos jornais sem levar nenhum benefício concreto às comunidades indígenas. Então, nós reprovamos atualmente este tipo de atitude extrema, como é o caso de Manoel Fernandes Moura e Orlandino, que são da nossa região. Um é baré e o outro é tukano, mas eles não tem respaldo político na região, a não ser a nível da Igreja. Mas a Igreja tem uma história suja...

AC — Fale um pouco sobre isso...

Álvaro — a Igreja quer ser salvadora dos índios como nos primeiros tempos. A Igreja é responsável por ter feito a lavagem cerebral durante setenta e poucos anos em que está naquela região. A Igreja é culpada por não termos terras demarcadas há muito tempo. A Igreja tem perseguido a nossa língua, proibindo até mesmo de nos expressar no nosso próprio idioma. Uma prova é que muitas línguas desapareceram no alto rio Negro e uma das poucas que ainda sobrevive é a tukano, no meio de tantas outras tribos indígenas. A Igreja hoje em dia utiliza os seminaristas do alto rio Negro para desmistificar a sua péssima imagem. Os índios poderão ser utilizados para defender o sistema da Igreja e não para defender seu povo. Como se bastasse isso, os padres ainda dão mau exemplo no campo sexual. Antes não havia homessexualismo e hoje nota-se que alguns seminaristas indígenas que passaram por aqui por Manaus, Belém ou Rio de Janeiro e Recife tem um comportamento diferente. Então nós não aceitamos isso. Os padres hoje fazem coisas terríveis e depois são os primeiros a celebrar missas, entregar hóstias consagradas aos índios... não podemos aceitar isso. Não aceitamos um comportamento mesquinho e inadequado para com a nossa civilização.

AC — E as lideranças fantasmas que você citou anteriormente? Qual a ligação que elas têm com a Igreja?

Álvaro — Eu fui um dos fundadores da Federação das Organizações Indígenas do alto rio Negro. Aí, de repente, começaram a entrar os políticos e a Igreja, tentando monopolizar a nossa inteligência e a força política na região. Tomaram esta organização e deixaram na mão de um ex-seminarista. Então a Igreja, com sua influência nas comunidades, começou a criar outras organizações indígenas, sob seu controle. Nós, então, saímos desta federação porque temos uma autonomia, não queremos interferência da Igreja e muito menos de políticos. O que nós queremos é um contrato direto com os governantes numa mesa de negociação. Não aceitamos interferência ou intermediação. A Igreja criou outras organizações no alto rio Negro que na prática é tudo fantasma. Só servem aos seus próprios interesses.

AC — Você tem problemas também na defesa do meio ambiente?

Álvaro — Não são os políticos que vão salvar o meio ambiente e a Amazônia, mas sim as populações indígenas e organizadas que sempre mantiveram suas tradições aqui na Amazônia. Na minha região a maioria de 95% da população indígena continua mantendo nossas tradições, nossas crenças e nossa própria medicina. Nós precisamos de uma definição clara para poder participar de um quadro de defesa do meio ambiente, mas sem fazer política. A presença de políticos e padres nas comunidades indígenas está ficando cada vez mais insurpotável. Por exemplo, o padre chega lá, incentiva o tumulto e depois vai embora. Eles não tem filhos, não tem mulher... Quem tem a responsabilidade de defender a terra, o meio ambiente, somos nós, que sempre vivemos e vamos continuar vivendo lá. Por exemplo, o padre Miguelito saiu de Iauaretê, foi embora para Belém, mas deixou tudo dividido, bagunçado... deixou para trás a briga entre os índios. Um outro caso foi o da irmã Firmino, que mandou os índios arrancarem os marcos dos limites das terras. Esse tipo de coisa acontece no alto rio Negro porque nós não temos um espaço real dentro do governo. O nosso grande desejo em relação ao próximo governo é justamente ter um espaço próprio, sem aceitar a interferência de terceiros. Naturalmente se houver diálogo nós vamos apoiar o governo. Daqui pra frente seremos um "partido sem papo" — é sim ou não.

AC — Você, especificamente, tem mantido contato com organizações ecológicas do exterior?

Álvaro — Nós vamos continuar mantendo contato com pessoas de fora para não sermos manipulados pelos políticos ou por este tipo de representante de entidade fantasma que sempre quer falar em nome da gente. É claro que é necessário que o mundo todo se preocupe com a questão ecológica da Amazônia, no entanto, isso não deve ficar restrito aos governantes e muito menos a Igreja. Nós queremos participar, receber muita gente de fora e também do Brasil para sentarmos juntos nas comunidades indígenas e buscarmos um novo papel de defesa para as nossas populações. Nós não queremos confrontar com a sociedade envolvente porque nós vamos buscar uma solução prática.

AC — E o alvoroço que se fez com a presença de estrangeiros em comunidades indígenas, dizendo que estão se intrometendo numa questão brasileira?

Álvaro — Geralmente na faixa de fronteira a presença de pessoas não indígenas leva a uma sensação de que os visitantes estão se intrometendo numa questão interna do Brasil. Agora não acontece "questão interna" quando turistas visitam o Rio de Janeiro, Manaus ou qualquer parte do Brasil. O turista só passa a ser um caso de segurança nas comunidades indígenas. Por que o turista que visita o Museu do Índio em Manaus não é um caso de segurança nacional? Não admitimos isso, Nós queremos dar liberdade para que todo mundo possa defender o que nós temos de beleza aqui na Amazônia.

"... mas a Igreja tem uma história suja..."

AC — E o relacionamento com outras populações indígenas?

Álvaro — Eu sou do grupo Tukano e temos boas relações com outras tribos que são nossos irmãos, cunhados, cocunhados... e hoje dentro da nossa região já ultrapassamos a marca de 45 mil índios. São mais de 600 comunidades indígenas que merecem respeito e exigem que a atual Constituição seja cumprida.

AC — Conte um pouco de sua trajetória...

Álvaro — Meu avô foi pajé e meu pai ainda é ainda hoje curandeiro. Boa parte dos meus 37 anos dediquei à causa indígena. Fiz meu primeiro grau em São Gabriel da Cachoeira depois vim estudar para ser padre, em Manaus, mas descobri que não daria certo. Voltei novamente para minha região até ir estudar em São Luís, já com uns dezoito anos. Lá mesmo deixei os estudos e comecei a organizar o movimento indígena a nível nacional. Fundamos a União das Nações Indígenas cujo objetivo era buscar todas as raízes de todas as tribos para uma única frente de avanço e educação nas comunidades indígenas. Por esta razão nós derrubamos até mesmo muitos presidentes da Funai. Depois disso, formamos a primeira federação indígena aqui no Brasil e antes disso fizemos contato com organizações indígenas dos Estados Unidos, América Central e América do Sul. A experiência que tive foi na prática, tudo o que aprendi não foi numa sala de aula.

AC — Você foi preparado anteriormente para ser chefe, alguma coisa assim?

Álvaro — Não fui preparado. Eu apanhei muito. Eu voltei justamente para a minha região nestes três últimos anos para preparar o meu povo para que eles não apanhem, como aconteceu em outras áreas. Mas o que eu vejo é o seguinte:

"... é claro que é necessário que o mundo todo se preocupe com a questão da Amazônia..."

Acervo ISA

A Crítica pg. 3
11 de fevereiro de 1990

a gente não entender a questão indígena aqui no Amazonas nós teremos novidades tristes com a presença de garimpeiros. E a situação tende a piorar porque o garimpeiro é pobre, talvez muito mais pobre que qualquer índio. Apesar do índio ser pobre, não ter a cultura de branco, ele tem farinha, tem casa, tem suas frutas. E o garimpeiro não tem nada... Eu já estive três vezes em Genebra defendendo os direitos humanos dos povos indígenas. Voltei para cá porque decidi ficar perto do meu povo, principalmente porque a Funai não tem capacidade para defender a problemática indígena. A Funai é um órgão de não indígenas, onde atuam funcionários que não têm compromissos com a luta e com uma série de problemas das populações indígenas. Então, a Funai é um instrumento que muitas vezes camufla a discriminação contra as populações indígenas. Então eu voltei para dizer qual o papel da Funai, como deve ser a nossa participação junto à sociedade aqui no Brasil, porque muitas vezes a Funai isola o índio do resto da sociedade. Nós sempre fomos defensores da liberdade em todos os sentidos.

AC — Como você vê o interesse de ecologistas nesta causa? Tem algum tipo de problema com eles?

Álvaro — Estão surgindo muitos ecologistas, antropólagos, interessados nas populações indígenas. Nós como organização indígena não temos voto. De uma hora para outra o governo cria o Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente). Perguntaríamos ao Ibama quantas tribos indígenas estão com programas diferentes... Não tem. O que tem lá é um programa genérico e nós não podemos aceitar coisas impostas desta maneira. Aceitamos apenas o interesse de defender a vida humana. O governo tem que colocar um programa aberto para nós, com a nossa participação. O que adianta um carioca defendendo o rio onde nós nascemos? O que nos interessa um gringo defendendo São Gabriel da Cachoeira se ele não nasceu nem nunca vai viver lá? Essa interferência externas vezes atrapalha mesmo. Quem quiser nos ajudar que nos ajude com coisas concretas.

AC — E quanto à exploração do lado exótico dos índios?

Álvaro — Nós não queremos ser vitrine do Brasil, do Terceiro Mundo para o Primeiro. Nós não queremos ser a figura exótica para vender a imagem ao turista. Queremos um respeito igual e damos reciprocidade a quem for nosso amigo.

AC — Você deve ser muito pressionado por causa de sua luta, como o próprio caso recente de ser acossado por mais de 30 garimpeiros na saída de um hotel em Boa Vista...

Álvaro — Eu já informei sobre esse tipo de ameaça que recebo e também sobre outras pessoas que atrapalham naquela região e são ameaçadas. As lideranças indígenas são geralmente ameaçadas. Já comuniquei isso ao general Bayma Denys e ao próprio general Taumaturgo Vaz, do Estado Maior do Comando Militar da Amazônia, além da própria Funai, mas nenhuma das vezes essas autoridades deram sequer uma satisfação. Mas nós não temos como correr desta briga porque estamos comprometidos com a defesa da questão indígena.

AC — Você tem medo de morrer por causa disso, se tornar um novo Chico Mendes?

Álvaro Se eu morrer, morro mas nascerão outros para continuar a luta. O índio que defende seus direitos, como Chico Mendes, só é reconhecido após sua morte. Isso eu não gostaria que acontecesse comigo nem com nenhuma das lideranças que nós temos no País. Porque às vezes a minha palavra é tão ofensiva para, digamos, o Calha Norte, para a Funai, a Igreja, para deputados e vereadores, mas o que eu posso dizer é isso: o que o povo sente é o que nós falamos aqui como Triângulo Tukano. Quem ganhou com o Calha Norte foram os grandes comerciantes, que venderam barcos; a Construtora Borges, instalada em São Gabriel, construindo quartéis que são verdadeiros palácios, enquanto as comunidades indígenas continuam sem remédio, sem transporte, sem a realização dos projetos prometidos pelo governo. O que não podemos é enfeitar a Funai e o Calha Norte se não temos nada de concreto que beneficia as comunidades indígenas. O que nós falamos é verdade e, como diz o ditado, a verdade dói.

AC — Uma última pergunta: porque toda essa amargura em relação à Igreja?

Álvaro — Na década de 70 passou um padre estrangeiro na minha região chamado Norberto, hoje ele inclusive ainda trabalha em Iauaretê. Acontece que este padre tem violado os direitos culturais da minha região, fez pressão contra a minha família e nós até mesmos saímos de Pari-Cachoeira e hoje estamos morando numa outra comunidade, formada por nós a 100 quilômetros de São Gabriel da Cachoeira, que se chama Balaio. Nós saímos de Pari-Cachoeira justamente por não agüentarmos mais as pressões deste padre depois que eu o denunciei no Tribunal Russell, na Holanda. Ele então proibiu meus irmãos de estudar, humilhou como pode a minha comunidade, desorganizou tudo o que tínhamos conseguido ao longo de anos dividindo a comunidade indígena. Por isso nós ficamos longe de padre, longe da Funai, porque queremos um programa próprio. Eu solicitei ao governo brasileiro a delimitação da área do Balaio. A região onde está o Balaio, que é a região de Seis Lagos, tem a maior reserva de nióbio aqui no Brasil, estimada pelos geólogos do Amazonas em mais de 33 bilhões de dólares. Por mais que tenhamos feito vários ofícios solicitando a urgente demarcação de nossas terras, elas foram invadidas por garimpeiros que passam por ali em direção ao território Yanomami. A própria Funai não tomou até hoje nenhuma providência. Essa é uma das coisas que mais sentimos. Se o governo vai defender o meio ambiente, que defenda e delimite as terras indígenas. Esse é o grande apelo que fazemos ao novo governo.

Da esquerda para a direita, Alvaro Tukano, Pedro de Jesus e Domingos Falcão na redação de ***A Crítica***

O artista plástico Rui Machado (dir.) durante uma visita ao Balaio no ano passado, em companhia de Alvaro Tukano

Acervo ISA

Destaque de uma cerimônia no Balaio

Tukano conta a verdade

• A edição de hoje de "A Crítica" trás reportagem assinada por Rogério Pina.

• Que manteve entrevista com o aculturado Álvaro Tukano, líder silvícola dessa tribo no alto Rio Negro. Na reserva incrustrada no município de S. Gabriel da Cachoeira, denominada "Balaio". — Onde existe a maior quantidade de quartz, de toda a aldeia global. É mole?

• Esse líder Tukano não poupa a Igreja, a Calha Norte, e o tão discutido Meio Ambiente.
• Leiam, analisem, depois comentem com aqueles que comungem com idéias semelhantes.